

ANÍSIO TEIXEIRA: DIFUSOR DO PENSAMENTO DEWEYANO NO BRASIL

Roberto José Pereira Lago de Souza¹
José Francisco dos Santos²

RESUMO

O presente artigo de cunho bibliográfico, por meio de uma leitura crítica/analítica, busca apresentar a difusão do pensamento deweyano no Brasil, a partir de Anísio Teixeira. Ambos trabalham em uma perspectiva liberal pragmática renovada conhecida como escola progressiva, na qual o educando é sujeito do conhecimento. Teixeira foi o primeiro intelectual no Brasil a difundir de forma ampla o pensamento educacional deweyano, após ter estudado na Universidade de Columbia, onde conheceu o pensamento de Dewey. Primeiramente é exposto brevemente os aspectos e características do pensamento educacional de John Dewey, a fim de ampliar a compreensão. Posteriormente, é tratada a difusão do pensamento deweyano no que tange a educação na escola brasileira através de Anísio Teixeira.

Palavras-chave: Filosofia da Educação. John Dewey. Anísio Teixeira. Escola Brasileira

¹ Acadêmico do 6º período do curso de Filosofia da Faculdade São Luiz (Brusque-SC). *E-mail:* roberto.total@yahoo.com.br.

² Orientador da pesquisa (FSL – Brusque – SC).

INTRODUÇÃO

John Dewey é conhecido como um dos maiores pensadores e filósofos da educação da era moderna. Difundiu-se no campo educacional, ganhando espaço e respeito, com sua inovação, teórico-pragmática, no campo da filosofia da educação. O americano traz como meta a construção de um novo modelo educacional, sugerindo que o ser humano seja protagonista da sua educação.

Para o americano, a história da educação é marcada por oposição de teorias, pois o ser humano no seu intelecto organiza o seu pensamento por meio de oposições. As várias crenças são formuladas por meio de controvérsias **ou isso ou aquilo**. Ele critica tal postura, afirmando que é necessário encontrar o ponto de equilíbrio entre teorias opostas (DEWEY, 2010, p. 19).

A oposição que o filósofo destaca está na forma de como o “conhecimento”, chega a cada um, em uma dinâmica de “absorção” do que está pronto. Essa oposição é tratada pelo filósofo dentro do ambiente escolar, entre a educação tradicional e a educação progressiva, também denominada de escola nova (DEWEY, 2010, p. 19).

Dewey (2010) em nenhum momento renega o modelo educacional tradicional. O americano enfatiza que este modelo remete ao desenvolvido de regras de condutas, tendo a educação moral como formação de hábitos de ação em conformidade com as regras e os modelos postos. A crítica deweyana neste modelo está no processo relacional entre professor-aluno, que acontece de forma vertical. Para Dewey (2010) o plano geral de organização da escola deve ser a de uma mediadora (professor-aluno, aluno-professor), fazendo da mesma uma instituição diferente de outras instituições sociais.

A teoria educacional deweyana tem como base a ideia de liberdade, nada dogmático, pois o que prevalece na base é a criticidade. A imposição exterior da escola tradicional limita a liberdade criadora, ao invés de promover o desenvolvimento integral do aluno (DEWEY, 2010, p. 24-25).

Aranha (2006) destaca que, a educação progressiva deweyana, à medida que dá condições ao indivíduo exercer controle sobre a própria vida, permite que ela enriqueça sua experiência. Compreende-se a partir daí o destaque das atividades manuais e físicas, bem como o estímulo ao espírito de iniciativa e independência do aluno. No ponto de vista epistemológico, há uma influência da tendência empirista, que valoriza os elementos resultantes da experiência.

Anísio Spínola Teixeira desenvolveu um plano de reconstrução da educação na escola na brasileira, cujo objetivo era convencer toda a sociedade da importância da educação para a construção da democracia. Esse esforço pela democracia é um

dos suportes do seu pensamento, juntamente, com uma cultura e uma ciência que se revelem nos níveis do conhecer e do agir educativo.

Teixeira foi um grande difusor do pensamento deweyano no Brasil, apropriando-se de suas teorias e ações práticas na construção de um novo viés na educação brasileira. Ele estudou na Universidade de Columbia, onde teve como um de seus professores, o filósofo John Dewey (NASCIMENTO, 2000, p. 11-12). As ideias de Teixeira influenciaram todos os setores da educação no Brasil, lançando um caráter renovador na educação.

1 ANÍSIO TEIXEIRA: APROPRIAÇÃO DO PENSAMENTO DEWEYANO

Anísio Teixeira passa por uma grande transformação intelectual ao terminar os seus estudos nos Estados Unidos da América, sendo “afetado” pelas ideias de seu professor John Dewey (BORTOLI; CUNHA, 2010). No Brasil, Teixeira chega com bastante entusiasmo, a fim de sugerir uma nova forma de educação orientada, principalmente pela filosofia pragmática de Dewey, enfatizando as características da escola nova idealizada pelo americano.

Segundo Ghiraldelli Junior (2001), Anísio Teixeira fala de uma “nova filosofia da educação”, numa reconstrução, que se dá sobre dois pilares básicos: a escola deve preparar técnicos, seres humanos capazes de se integrarem rapidamente na sociedade baseada na ciência e na tecnologia; a escola deve, também, educar para uma democracia cidadã, colocando as pessoas em um patamar de igualdade. Neste sentido, a escola deve ser mediadora, incentivadora, auxiliar o educando a “fazer” a sua própria educação.

Para Teixeira (1960), a escola deve ter por centro o ser humano e não um mero interesse da ciência. O plano escolar deve ser feito em torno da intenção do aprender do indivíduo e não da intenção de ensinar do professor. Este, no ambiente escolar, é um ser que age e não uma inteligência pura, interessada nas matérias do currículo (matemática, português etc.). As atividades devem ser reais, pois elas têm o propósito de reger no desenvolvimento do indivíduo. A escola deve adaptar-se à vida de cada indivíduo, a fim de compreendê-lo e orientá-lo dentro do processo social.

Teixeira (1957) salienta que o método até então adotado pela escola brasileira (método expositivo), não tem caráter prático. Não se consegue ler ou escrever, por exemplo, uma língua estudada, nem mesmo o português, mais se sabe noções gramaticais sobre determinada língua, além de alguns trechos que se tornam íntimos dos alunos. Outras disciplinas (ciências humanas, naturais etc.) são “estudadas” da mesma forma, sem funções de aplicação do conhecimento. O conhecimento é ensinado para ser repetido em determinados momentos, como nas provas.

Anísio Teixeira, espelhando-se em Dewey, forma seu pensamento na dinâmica do desenvolvimento da tecnologia e da vida democrática, como instrumentos que a escola deve servir. A escola tem como função ser “democratizadora” equalizando oportunidades (ARANHA, 2006, p. 170).

A educação no Brasil era vista por Teixeira (1957), como uma “educação seletiva”, para poucos, ferindo os princípios da democracia. Essa educação, não deve ficar apenas na alfabetização ou na transmissão mecânica (ler, escrever, contar), mas deve-se ir além, trabalhar em uma dinâmica do pensamento e da reflexão e da sensibilidade de consciência.

Anísio Teixeira (1960) difunde os modelos de escolas promulgado por Dewey, trazendo os mesmos termos de **escola nova** ou **escola progressiva**, usados pelo filósofo estadunidense, que para Teixeira consiste em ser uma escola de uma sociedade que vive em constantes mudanças, que se utiliza de instrumentos científicos que constantemente se refaz.

Segundo Luckesi (2005), a função da escola idealizada por Dewey consiste em adaptar-se ao indivíduo e ao meio social em que este está inserido, sendo a escola capaz de fornecer ao aluno, por meio de experiências que deixe-o educar-se, em um processo de construção e reconstrução, no intercâmbio entre estruturas intelectuais do indivíduo e do ambiente.

Segundo Anísio Teixeira (1975), no imaginativo popular “progresso” refere-se a uma transformação material do mundo, onde as casas são construídas maiores e mais confortáveis, o transporte mais rápido e acessível a todos, as ruas modernizadas. Ele destaca que o progresso é filho das invenções. O ser humano conseguiu instrumentos para lutar contra a distância, contra o tempo e contra a natureza. A ciência experimental, na sua aplicação às coisas humanas, permitiu que uma série de problemas fossem resolvidos.

Para o pensador brasileiro, a escola deve ser réplica da sociedade a quem ela serve. Com isso, faz-se necessário reformar a escola para que ela possa acompanhar o avanço material da sociedade e assim, preparar uma mentalidade moral e espiritual, ajustando-se com a presente ordem das coisas (TEIXEIRA, 1975, p. 28).

Teixeira (1975) enfatiza que o aprender constituiu-se por muito tempo em uma simples memorização de fórmulas obtidas pelos adultos, o acabado procedimento “catequético” de perguntas e respostas. Decorar um livro significava aprendê-lo. Mais tarde, abriu-se um leque ao exigir que o indivíduo compreendesse o que estudava. Depois disso adotou-se outro passo exigindo que o aluno repetisse, com suas próprias palavras, o que estava escrito nos livros. Não satisfazia o simples decorar, nem entender, era ainda necessária a expressão verbal para que se concretizasse o estudo.

Para o pensador brasileiro, a inovação psicológica veio provar não ser isso ainda satisfatório, pois aprender é muito mais do que apenas fixar, compreender e manifestar

verbalmente um conhecimento. Aprender denota em ganhar um modo de agir, em adquirir uma determinada aptidão. O aprender acontece, quando assimilamos uma coisa de tal jeito que, chegado o momento certo, saberá agir de acordo com o aprendido. A palavra agir no sentido popular está ligada a ação material. O ato é sempre uma reação a uma situação em que o sujeito se encontra. Reagimos contra estímulos que recebemos por meio dos sentidos internos ou externos. O que aprendemos é sempre uma forma especial de reação (TEIXEIRA, 1975, p. 42).

[...] aprendemos que dois mais dois são quatro quando diante de qualquer situação que sugira esta resposta, o nosso organismo a dê fatalmente. O que aprendemos tem assim uma força de projeção que nos força a reagir daquele modo diante, suponhamos, da pergunta: 2 X 2 igual a quê?

Ora, do mesmo modo que fixamos a resposta específica para essa situação, do mesmo modo aprendemos qualquer outra coisa. Uma habilidade, uma idéia [sic], uma emoção, uma atitude, um ideal, aprendemo-lo do mesmo modo, fixando uma certa reação do organismo a uma certa coisa (TEIXEIRA, 1975, p. 42).

De acordo com Teixeira (1975) percebe-se que aprendemos uma ideia quando ela faz parte do organismo e exige de nós, aproximadamente de forma automática, uma reação ou uma cadeia de reações especiais. Aprende-se, aquilo que pratica e ao mesmo tempo é um método funcional de reagir a certas coisas, eleger reações apropriadas e fixá-las depois no organismo. Não se aprende por simples inalação de conteúdo.

2 A FILOSOFIA DE ANÍSIO TEIXEIRA E SUA PRÁTICA EDUCACIONAL

O questionamento filosófico no âmbito educacional no Brasil começou a partir dos textos de Anísio Teixeira, em que o autor apresenta em grande parte de sua teoria educacional na perspectiva pragmática de Dewey. Para Gelamo (2009), Teixeira, de certa forma, inaugurou a filosofia da educação no Brasil, pois buscou nela, bases para discussões educacionais.

Segundo Rodrigo de Souza e Maria Machado (2011), Dewey faz críticas à tradição filosófica ocidental, destacando que a filosofia é um pensar “à margem da vida”. A filosofia não deve encaixar-se em uma mera leitura de livros, faz-se necessário conduzi-la a vida. Esta perspectiva fez com que Anísio Teixeira estabelecesse o seu pensamento, buscando no real “fazer filosofia”.

Anísio Teixeira (1977) afirma com base no pensamento deweyano que a filosofia e a educação são essenciais, sendo a educação o processo pelo qual, jovens adquirem ou

formam disposições intelectuais e emocionais, para com o mundo e com todos aqueles que o circundam. A educação constitui o campo de aplicação da filosofia.

Para o pensador brasileiro, a sociedade vai se adaptando a novos modelos de ciência, política e democracia, acontecendo uma reconstrução do pensamento, pois ela vive em constante mudança. O pragmatismo nasce nesta perspectiva do progresso. Teixeira (1977) afirma que John Dewey soube formular bem a tese pragmática, em conformidade com o método da “inteligência”, que se caracteriza pela revisão de conceitos de razão e da experiência.

De acordo com Teixeira (1977, p. 10), o pensamento deweyano formula toda uma filosofia da educação, destinada a conciliar os velhos “dualismos” e a dirigir o processo educativo com continuidade, em um permanente movimento de reconstrução, na busca da unidade básica da personalidade em desenvolvimento. O comportamento moral para Dewey é aquele que leva o indivíduo a crescer e se realizar com suas potencialidades na sociedade, vivendo em profunda harmonia com os demais.

Anísio Teixeira vai além do pensamento de Dewey, na perspectiva de defesa da escola pública. Aquele interpreta o pensamento deste de acordo com a realidade brasileira, pois viveu nos Estados Unidos da América, onde percebeu os impactos sociais e econômicos ao voltar ao Brasil (SOUZA; MACHADO, 2011).

A filosofia segundo Teixeira está intimamente ligada à educação, pois nas palavras de Dewey:

Se educação é o processo pelo qual se formam as disposições essenciais do homem - emocionais e intelectuais - para com a natureza e para com os demais homens, filosofia pode ser definida como a teoria geral da educação a não ser que uma filosofia seja puramente simbólica ou verbal, ou predileção sentimental de alguns, ou simples dogma arbitrário, o seu julgamento da experiência e o seu programa de valores deve concretizar-se na conduta e, portanto, em educação. E, por outro lado, se a educação não quer se transformar em rotina e empirismo, deve permitir que os seus fins e os seus métodos se deixem animar pelo inquérito largo e construtivo da sua função e lugar na vida contemporânea, que à filosofia compete prover (TEIXEIRA, 1950, p. 79).

A concepção de educação para Teixeira de acordo com Dewey é entendida desta forma:

[...] em educação, e educação só é digna desse nome quando está percorrida de uma larga visão filosófica. Filosofia da educação não é, pois, senão o estudo dos problemas que se referem à formação dos melhores hábitos mentais e morais em relação às dificuldades da vida social contemporânea (TEIXEIRA, 1950, p. 79).

Para Anísio Teixeira (1976) se faz necessário à reconstrução da educação, sendo as principais problemáticas que atrapalham esta reconstrução o político e o financeiro, amparados pelos seus governos federal, estadual e municipal, além das várias forças coletivas e particulares. É um problema político, pois necessita da aprovação do governo na execução das atividades. É um problema financeiro, pois depende de recursos e medidas.

Teixeira (1976) afirma que, a escola é uma instituição servida da arte de educar e ensinar em todos os âmbitos da cultura do ser humano. Cultura esta que vive em constante mudança de progressos e revisões, necessitando que o professor esteja sempre alerta às necessidades e às mudanças. O professor, nesse sentido, não deve ensinar o que ele deseja, mas sim, ensinar o que foi escolhido por meio de um consenso profissional democrático. Para ele, o problema educacional não está na questão do progresso ou do desenvolvimento, mas na sociedade que muitas vezes se isola.

Segundo Bortolotti e Cunha (2010), o pragmatismo de Dewey foi para Teixeira um rebate a educação tradicional de valores católicos jesuíticos e dogmáticos, na qual ele havia sido educado até ser “libertado” pelo pragmatismo de Dewey. O pragmatismo deweyano encontrou terreno fértil no Brasil, o qual estava mobilizado, desde o período da monarquia, buscando soluções modernas para a sociedade.

3 O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA

A década de 1920 para o Brasil representou o início do movimento social e educacional, em meio a um desenvolvimento prático e teórico, que outros países já viviam. O Brasil recebe influências de pensadores europeus e norte-americanos, na busca de uma reconstrução escolar (CUNHA, 2000, p. 136).

Cunha (2000) destaca que o movimento **escola nova**, é subentendido como um conjunto de ideias vindas da modernidade, que podem ser encontradas no final do século XIX, quando o Brasil vivia um momento abraçado devido às mudanças institucionais, término do escravismo, difusão do trabalho livre e o começo do regime republicano. A falta de uma “identidade nacional”, fez com que na década de 1920, célebres autoridades como médicos, literatos e educadores, começassem redefinir a cultura brasileira.

Para Cunha (2000), a **escola nova** pode ser descrita pela “metáfora da eficiência”, pois seu poder provinha da noção de progresso, que se relaciona com a racionalização das relações sociais sob o modelo da fábrica. A reorganização da **escola nova** teve como inspiração o ritmo das fábricas, da indústria e da técnica, que enquadravam os indivíduos a um esquema posto.

Pagni (2000) destaca que, Anísio Teixeira ao lado de Fernando Azevedo e Lourenço Filho, expressaram o modelo pragmático educacional deweyano no movimento **escola nova** no ano de 1932, com o **manifesto dos pioneiros da educação nova**.

Aranha (2006) destaca que o **manifesto** representou na história educacional do Brasil uma tomada de consciência em meio aos modelos até então utilizados. Este manifesto aparece em meio aos defensores da escola renovada e os católicos conservadores, que monopolizavam grande parte da educação elitista tradicional.

O **manifesto dos pioneiros da educação nova** destaca que a educação vivia uma desorganização, pois faltam iniciativas para os fins da educação, no aspecto filosófico e social e de aplicação por meio da ação técnica, utilizando métodos científicos para a resolução do problema que está presente (AZEVEDO et al., 2010, p. 170).

O manifesto salienta que o educador deve ser filósofo, trabalhando de forma científica e ser apto a suprir as necessidades que a sociedade necessita. Faz-se necessário ser “cientista”, no sentido de empregar métodos de acordo com cada situação, realizando experiências a fim de acolher resultados a toda e qualquer alteração no processo educacional (AZEVEDO et al., 2010, p. 35).

O documento enfatiza que o modelo educacional da **escola nova** nasce com o progresso das ciências, tendo como métodos o científico e o experimental. Ela está pautada na função de acrescentar a escola tradicional, oferecendo ao indivíduo um meio **vivo e natural**, promovendo o intercâmbio de reações e experiências em que o indivíduo seja levado ao trabalho e à ação de forma natural (AZEVEDO et al., 2010, p. 48-49).

Para Cunha (2000), o **manifesto** não só expressava uma estrutura educacional, mas também ideias políticas e filosóficas, defendida a partir da década de 1920, em oposição a certas correntes do pensamento católico. O manifesto que em grande parte tinha um viés deweyano defendia uma escola ligada à vida social, uma educação pautada na espontaneidade do indivíduo. Além disso, defendia um currículo ajustado à lógica psicológica do indivíduo. Aos professores cabia o aconselhamento e a viver em uma reconstrução social e política, ligados a educação. Segundo o documento, o educador deve ser portador de conhecimentos sobre o indivíduo e a sociedade.

Neste modelo educacional, a atividade do aluno deve ser espontânea, alegre e criativa, diferente da concepção tradicionalista que rege seu trabalho na passividade e na verbalização. A **escola nova** pauta o seu trabalho em uma base manual e corporal de fator psicobiológico, condição de uma atividade espontânea, em que ela deve ser organizada de forma que favoreça a criatividade do aluno, procurando estimulá-lo (AZEVEDO et al., 2010, p. 49-51).

O **manifesto** afirma que a educação deve ser vista como um **organismo**, uma educação que cresce de dentro para fora, transferindo para o indivíduo certa

individualidade, no sentido de ser centro da educação. Ele apresenta uma direção na proposta de renovação da educação na reconstrução da educação brasileira (CAMURRA; TERUYA, 2008).

No documento, os manifestantes analisavam a falta de organização do programa escolar, problemas segundo ele de caráter filosófico e social e de aplicação de métodos científicos aos problemas. A escola brasileira era deficiente no sentido de falta de “espírito filosófico e científico”. A filosofia tinha como meta discutir os objetivos a serem alcançados pela renovação da escola (CUNHA, 1999).

Cunha (2000) salienta que o **manifesto dos pioneiros** foi parte importante na história do Brasil, que ainda vivia um recente golpe de Estado (1930), com um governo provisório. Vivia-se em meio a grupos políticos agitadores, além de movimentos de diversas inspirações como o fascismo e o comunismo. A finalidade do manifesto não era criar novos valores morais, mais sim chamar a atenção para a sociedade da época e toda a sua estrutura e tendências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dewey sugere uma nova “interpretação” do contexto educacional, pautado em estratégias e métodos que auxiliam em uma educação eficaz, ancorada na vida, experiência e aprendizagem. Cabe à escola promover condições para o indivíduo exercer controle sobre a própria vida, permitindo que ele enriqueça a sua experiência, na dinâmica da ação e do pensamento.

Percebe-se a difusão deweyana no Brasil, por intermédio dos **escolanovistas** do **manifesto dos pioneiros da educação nova**, de forma mais ampla por Anísio Teixeira, o qual teve a oportunidade de ser aluno de Dewey. Teixeira, além de compor grandes obras teóricas fundamentando o seu pensamento de “reconstrução” do sistema educacional, colocou em prática todo o conhecimento adquirido.

O objetivo central do pensamento educacional de Teixeira está em tornar a educação uma experiência acessível a todos. O brasileiro não pensa apenas que deve ser assim, ele vai a fundo e procede para que aconteça.

Teixeira mostra-se como um pensador da pedagogia e um realizador da filosofia da educação, incorporando a veia deweyana marcada pelo pensamento e pela ação. Pensar e fazer para Teixeira são termos que se ajustam e se completam.

REFERÊNCIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

AZEVEDO, Fernando et al. **Manifestos dos pioneiros da educação nova (1932) e dos educadores 1959**. Recife: Massangana, 2010.

BORTOLOTTI, Karen Fernanda da Silva; CUNHA, Marcus Vinicius da. Anísio Teixeira: pioneiro do pragmatismo no Brasil. Congresso internacional de filosofia e educação. Caxias do Sul: UCS, n. 1, p. 1-8, mai. 2010. UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Artigos e Eventos**. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplcinf/e/ventos/cinf/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico9/Anisio%20Teixeira_Pioneiro%20do%20Pragmatismo%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em 15 de mai. 2013.

CAMURRA, Luciana; TERUYA, Tereza Kazuko. Escola pública: manifesto dos pioneiros da educação nova e o direito à educação. Simpósio nacional de educação. Cascavel: Unioeste, n. 1. Nov. 2008. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ. **Eventos**. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/4/Artigo%2015.pdf>> Acesso em: 22 de ago. 2013.

CUNHA, Marcus Vinicius da. A presença de John Dewey na constituição do ideário educacional renovador. **Educação em Revista**. Belo Horizonte: n. 30. Dez.1999.

_____. John Dewey, a outra face da escola nova no Brasil. In: GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo (Org). **O que é filosofia da educação?**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Tradução de Renata Gaspar. Petrópolis: Vozes, 2010.

EDUCAR PARA CRESCER. **Aprendizagem**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/anisio-teixeira-306977.shtml>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. **O ensino da filosofia entre a questão pedagógica e a problemática filosófica**. São Paulo: São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Introdução à educação escolar brasileira**: história, política e filosofia da educação. São Paulo: Universo dos Livros, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

NASCIMENTO, Clara Germana Sá Gonçalves. Anísio Teixeira e a filosofia. In: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; MENEZES, Maria Cristina (Org). **Anísio Teixeira, 1900-2000**: provocação em educação. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

PAGNI, Pedro Angelo. Anotações sobre a filosofia da educação de Anísio Teixeira. In: Conferência apresentada no grupo de trabalho de filosofia da educação da ANPED, São Paulo, 2000. Associação nacional de pós-graduação e pesquisa em educação. **Reuniões**. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/te17.PDF>> Acesso em: 2 de ago. 2013.

SOUZA, Rodrigo Augusto; MACHADO, Maria Cristina Gomes. Anísio Teixeira e a escola pública: um estudo sobre sua atuação político-pedagógica na educação brasileira. **Cadernos de história da educação**. Uberlândia: UFU, n. 1, p. 129 -146, jan./dez. 2011. [Universidade Federal de Uberlândia. **Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/13155/7517>>. Acesso em: 2 de ago. 2013.].

TEIXEIRA, Anísio Spínola. **Educação e o mundo moderno**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1977.

_____. **Educação não é privilégio**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1957.

_____. **Educação no Brasil**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1976.

_____. **Educação progressiva**: introdução à filosofia da educação. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1950.

_____. **Pensamento e Ação**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1960.

_____. **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

